

O papel do desenho na clínica fonoaudiológica: profissionais falam de sua prática*

Karen F. Luchesi**

Lucia Reily***

Resumo

Introdução: sabe-se que as crianças desenhavam no contexto da clínica fonoaudiológica. No entanto, essa produção não tem recebido a atenção merecida. Na literatura fonoaudiológica, o desenho é pouco tematizado, mesmo sendo bastante utilizado na prática clínica. **Objetivo:** Diante da quase ausência de estudos sobre o desenho na fonoaudiologia e das evidências mostrando o quanto esse instrumento está presente na clínica no trabalho fonoaudiológico com crianças, este trabalho buscou investigar o uso dessa atividade entre fonoaudiólogos. **Método:** foram entrevistados cinco fonoaudiólogos clínicos, seis docentes e três alunos de cursos de graduação em Fonoaudiologia. **Resultados:** todos referiram utilizar o desenho e afirmaram considerá-lo uma importante ferramenta na prática com crianças, embora os objetivos de usá-lo na clínica tenham sido diversos, variando conforme a abordagem teórica seguida pelos profissionais. A maioria relatou não ter recebido base teórica a respeito do desenho durante a graduação. **Discussão:** a pesquisa alerta para a necessidade de estudos a respeito do grafismo infantil na área fonoaudiológica, a começar pelos cursos de graduação.

Palavras-chave: desenvolvimento da linguagem; desenvolvimento infantil; fonoterapia; criança; desenho; criatividade.

Abstract

Introduction: It is well known that children are often invited to draw in the speech and language clinical setting, despite the fact that drawing production has not received the attention it deserves by speech and language researchers. **Objective:** In the literature, drawing is rarely studied, even though it is often proposed in clinical practice. From the standpoint of the almost total absence of studies on the use of drawing in speech and language therapy sessions, this study aimed to ask therapists how they use drawing as a clinical tool. **Method:** Five clinical therapists, six university teachers and three undergraduate students in speech and language therapy were interviewed. **Results:** All reported that they use drawing and consider it to be an important tool in clinical practice with children, although their aims varied considerably, depending on the theoretical approach these professionals espoused. The majority of the subjects reported that they had not learned about children's drawing in their undergraduate coursework. **Discussion:** The results of this project point to the need for further studies of children's graphic production in the field of speech and language therapy, beginning at the undergraduate level.

Keywords: language development; child development; speech therapy; children's drawing; creativity.

* Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, 28 a 30 de setembro de 2005. Santos, SP. Pesquisa de Iniciação Científica vinculada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), financiada pelo Pibic/SAE da Unicamp. ** Fonoaudióloga. Graduada em Fonoaudiologia pela Unicamp. *** Arte Educadora. Docente da Unicamp. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP.

Resumen

Introducción: Todos saben que los niños dibujan en la clínica de logopedia, todavía esa producción no ha recibido la debida atención. En la literatura logopédica, el dibujo es poco enfatizado, aún que bastante utilizado en la práctica clínica. **Objetivo:** Delante de la casi ausencia de estudios a respecto del dibujo en la logopedia y de las evidencias que compronan como este instrumento está presente en la clínica, este trabajo buscó investigar el uso de esta actividad entre los logopedas. **Método:** Fueran entrevistados cinco logopedas clínicos, seis profesores universitarios y tres alumnos de graduación en logopedia. **Resultados:** Todos utilizaban el dibujo y afirmaron que lo consideraban una importante herramienta en la práctica con niños; los objetivos de utilizarlo fueron variados, cambiando de acuerdo a la base teórica que los profesionales tenían. Fueran relatados diferentes contextos y varios objetivos para el uso del dibujo. La mayoría relató no haber recibido base teórica a respecto del dibujo durante la graduación. **Discusión:** La pesquisa llama atención para la necesidad de haber más estudios sobre la producción gráfica infantil en la logopedia, a empezar por los cursos de graduación.

Palabras claves: desarrollo del language; desarrollo infantil; logoterapia; niño; diseño; creatividad.

Introdução

A fonoaudiologia interessa-se especialmente pelo desenvolvimento da linguagem na criança, e sabemos que atividades simbólicas, como o desenho, favorecem esse desenvolvimento, atuando como mediadores das funções psicológicas.

De acordo com Araújo (2002), quando a criança desenha, cria um modo simbólico bastante expressivo de manifestar seus pensamentos, uma vez que sua produção está repleta de sentido e significado. A autora explica: “Concebendo o desenho como atividade sígnica, que favorece e permite reflexões acerca do simbólico, atividades com o desenho parecem ser um recurso possível de trabalho para o fonoaudiólogo” (p. 93). As implicações, os sentidos e os significados presentes no desenho da criança estão intrinsecamente ligados à sua fala, que geralmente transcorre durante a produção do desenho. Segundo Lacerda (1995), o desenho também contribui para o desenvolvimento da linguagem oral, ao oportunizar a construção de narrativas importantes para sua estruturação.

Wesson e Salmon (2001) oferecem suporte empírico, que comprova a eficácia do desenho e da encenação em paralelo com a verbalização para narrar episódios carregados de sentimentos fortes (alegria, tristeza e medo), mostrando que, no seu estudo, os meios artísticos de narração promoveram maior detalhamento descritivo nos relatos do que quando as crianças apenas relataram verbalmente suas lembranças. A partir desse estudo, as

autoras desenvolvem reflexões sobre o papel do desenho e da dramatização no contexto clínico, quando dos momentos de entrevista da criança – implicações válidas também para o contexto clínico da fonoaudiologia.

O desenho instiga determinadas verbalizações enquanto está sendo produzido, e a fala promove uma série de marcas gráficas, afirma Silva (2002), que estudou o processo de produção de desenhos em pré-escolares. Linguagem verbal e desenho estão ligados de múltiplas maneiras, reveladas no decorrer da atividade gráfica. A criança em idade pré-escolar fala quase o tempo todo enquanto desenha, e se manifesta de diversas formas durante suas ações e interações ao desenhar: compara os tamanhos dos gizes de cera; imita figuras dos colegas; provoca sonoridades com os instrumentos; expõe sua produção; critica e avalia as produções dos colegas, sugere, ajuda, e muito mais. A fala é também construtora do desenho; muitos detalhes gráficos são verbais, unidos e encadeados apenas oralmente.

De acordo com as observações da autora, quando a criança olha para um desenho, após terminá-lo, pensa e declara: “Eu fiz uma flor”. Nesse exemplo ela interpreta que o grafismo está ajudando a elaborar seu pensamento e a fala que o acompanha. Em algumas ocasiões, em vez de apenas nomear os elementos isolados, as crianças desenvolvem narrativas a partir dos desenhos, unindo as figuras representadas no papel. Sendo assim, a criança transita entre os sistemas semióticos, usando a linguagem oral para descrever ações e figuras do

desenho, ultrapassando os aspectos visuais dos seus processos de significação (ibid.).

Além de contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral, alguns autores, como Vygotsky (1988; 2003) e Ferreiro (2003), concebem o desenho como um estágio preliminar no desenvolvimento da escrita. Esse potencial é de interesse para a Fonoaudiologia, que estuda não apenas a linguagem oral como também a linguagem escrita da criança.

Como atividades gráficas, o desenho e a escrita têm muito mais em comum do que os instrumentos utilizados para fazer marcas. Ambos são constituídos socialmente como linguagens de significação. Funcionam como modos de representar sons, de um lado, e aspectos visuais das “coisas”, de outro, e permitem que os significados sejam transmitidos entre as pessoas que estão em outros espaços e outros tempos. A criança tem uma facilidade muito grande para transitar entre os sistemas semióticos – do brincar para o desenho, do desenho para a fala ou para a escrita – afirmam Gineshi et alii (2001). É nesse sentido que o desenho pode contribuir no processo de letramento, à medida que a criança vai aprendendo a dominar os modos como cada sistema simbólico funciona, representando idéias, coisas e a própria fala. Nessa perspectiva, a motricidade, a coordenação motora manual é concebida como secundária no processo de desenvolvimento gráfico e de conquista da representação figurativa.

Alguns fonoaudiólogos acreditam que o uso do desenho na avaliação fonoaudiológica pode contribuir para o enriquecimento do diagnóstico clínico. Rahal e Rolim (1999) apresentaram a possibilidade de utilizar os desenhos produzidos pelas crianças como parte da avaliação fonoaudiológica, visando coletar dados para auxiliar na compreensão e no andamento dos casos. As autoras valorizaram o desenho como fonte de dados emocionais e cognitivos, com capacidade de revelar algo sobre o desenvolvimento da criança. Desse modo, realizaram um estudo aplicando uma escala de desenvolvimento gráfico, proposta por Lowenfeld, em desenhos de crianças sem alterações de desenvolvimento e em desenhos de crianças com alteração de linguagem. As análises das pesquisadoras indicaram que o desenho não deve ser interpretado superficialmente. Apenas a aplicação de escalas não revelou a riqueza implícita no desenho das crianças e as comparações não puderam ser estabe-

lecidas, pois tanto crianças sem alteração na linguagem quanto crianças com alteração produziram desenhos diferentes do esperado para a norma estabelecida nos estudos de Lowenfeld.

Dentre as formas de uso do desenho, muitas vezes são propostos desenhos prontos. O termo “desenho pronto” inclui uma variedade de imagens em papel oferecidos à criança com objetivos pedagógicos, visando desenvolvimento de coordenação psicomotora, para ocupar o tempo ou para lazer. Entre os desenhos prontos que discutiremos neste estudo, encontram-se desenhos em traços pretos, geralmente de figuras contornadas que possam ser preenchidas, melhor dizendo, coloridas a lápis de cor, caneta hidrográfica ou giz de cera. Nesse gênero encontram-se folhas mimeografadas, desenhos xerocados e também livretos para colorir vendidos em bancas de jornal. A variedade de propostas é muito grande, mas tudo pode ser entendido como desenho pronto: figuras incompletas, cujo objetivo é finalizar um desenho seguindo uma seqüência numérica; figuras para reproduzir, traçando sobre uma folha translúcida; propostas envolvendo preenchimento de cor seguindo um código numérico, etc. Trata-se de uma produção gráfica anônima, gerando um sem-número de reproduções, impressas, xerocadas ou mimeografadas. Na escola, é comum a prática de entregar aos alunos de pré-escola e das séries iniciais folhas com desenhos que fazem referência a temáticas de datas comemorativas ou históricas, sendo que todos os alunos de uma mesma sala de aula “pintam” a mesma figura copiada por meio do mimeógrafo ou do xerox.

Para os propósitos deste estudo, também consideramos como desenhos prontos os assim chamados desenhos pedagógicos em carimbos ou figuras isoladas, que funcionam como pistas para escrita de palavras ou para outros tipos de atividades didáticas ou paradidáticas relacionadas aos processos de alfabetização. Às vezes, os desenhos pedagógicos são passados na lousa pelo professor como modelos, e pede-se aos alunos que copiem a imagem no seu caderno. As crianças copiam espontaneamente desenhos presentes no ambiente, nas embalagens dos materiais de artes ou nas revistas de quadrinhos. Esse mesmo tipo de material migra para o contexto clínico da fonoaudiologia e da terapia ocupacional, onde é utilizado com vários objetivos, como mostram os resultados deste estudo.

Os desenhos para pintar (*coloring books*) são veementemente criticados por autores clássicos do

ensino da arte, como Lowenfeld e Brittain (1977) e Kellogg (1969). Lowenfeld chegou a afirmar que os desenhos para colorir poderiam prejudicar o bem-estar emocional e o desenvolvimento da criatividade das crianças – uma conclusão contestada como exagerada e infundada por autores como King (1991). Lowenfeld e Kellogg escreveram há mais de quarenta anos, quando os estudos sobre a criatividade estavam no auge, no entanto, a prática de oferecer desenhos para colorir, e também a prática de propor desenhos altamente dirigidos, segundo instruções de temáticas fechadas (como, por exemplo, propor o tema “Descobrimiento do Brasil” para desenhar), ainda resiste no trabalho com crianças, tanto na escola quanto na clínica.

Alguns adultos acreditam que o desenho da criança deve se ajustar a modelos prontos com proporções e esquemas figurativos fixados por adultos, por isso oferecem desenhos prontos para pintar ou “completar”. Há também os tradicionais desenhos destinados a datas comemorativas (Dia da Árvore, Dia do Índio, Dia das Mães), cujos modelos atravessam gerações. Muitas vezes, não é permitido à criança expressar-se legitimamente, dentro das possibilidades da representação infantil. Para que sua produção seja considerada “bonita” ou “adequada”, deve seguir o padrão estabelecido pelo adulto.

Do ponto de vista dos professores de arte, bem como de psicólogos escolares, os desenhos prontos são prejudiciais e podem levar à limitação do potencial criativo e expressivo da criança. O resultado pode ser a inibição da expressão espontânea da criança: para não correr o risco de frustrar as expectativas do adulto, ela pode deixar de desenhar, quando apenas determinado tipo de desenho é permitido ou valorizado (Silva, 2002). As críticas baseiam-se no fato de que os desenhos prontos trazem um repertório imagético restrito e empobrecido, baseados em padrões produzidos por adultos, sem considerar os esquemas gráficos construídos pela criança nos seus processos iniciais de exploração das possibilidades dos instrumentos de desenho, bem como da constituição de uma linguagem visual e expressiva.

Na concepção histórico-cultural, valoriza-se a experiência da criança com o desenho e o contexto de sua realização, como promotores do desenvolvimento cognitivo, social e lingüístico (Ferreira, 2003; Reily, 2003; Silva, 2002; Lacerda, 1995). Participando de práticas culturais nas quais signos

são produzidos numa comunidade semiótica, a criança se constitui como ser social, apropriando-se das convenções estabelecidas pelo grupo social e desenvolvendo também possibilidades próprias para criação de novas significações, explica Braswell (2006). Esse autor afirma que as práticas de produção signíca e as convenções que as modelam são dinâmicas. Alerta que não se deve entender que o padrão do adulto seja o objetivo a ser atingido pela criança, já que, no desenho, as convenções podem ser partilhadas por parceiros variados (um punhado de crianças, uma criança e um adulto, uma sala de aula ou toda uma sociedade); essa preocupação sustenta nossa crítica aos excessos no uso de desenhos produzidos pelo adulto num padrão estereotipado visando o consumo do público infantil.

Bohn et alii (2004), em estudo realizado para avaliar professores mais eficazes e menos eficazes, demonstraram que a utilização de atividades significativas e motivadoras para as crianças, que mobilizam a criatividade dos alunos, contribuíam mais para a constituição de um ambiente propício à aprendizagem do que propostas descontextualizadas e práticas disciplinares rígidas. Os professores que valorizavam o lúdico nas atividades escolares obtinham maior envolvimento dos alunos nas atividades que tinham um grau maior de exigência acadêmica.

Nos trabalhos terapêuticos com crianças, existe um corpo de conhecimentos bastante sólido, desenvolvidos a partir dos trabalhos das precursoras Melanie Klein (2003) e Anna Freud (2002), seguidas posteriormente por Donald Winnicott (2005a; 2005b), que também apóiam o desenho expressivo na infância, embora os objetivos sejam diferentes dos discutidos acima. Nos trabalhos de linha psicanalítica, a produção do desenho pela criança permite o desenvolvimento de um espaço de escuta, onde o paciente pode revelar suas angústias, ansiedades e raivas sem temer a repreensão. Melanie Klein, refletindo sobre o caso de uma artista plástica, trouxe importantes avanços à teoria psicanalítica, ao aprofundar os conhecimentos sobre a estética – principalmente com relação ao processo criativo – no seu potencial de reparação de danos que o paciente imagina ter provocado na figura amada do seu progenitor devido a seus impulsos agressivos. Nas palavras da autora: “Nas análises de crianças, quando a representação dos desejos destrutivos é seguida pela expressão de tendências

reativas, sempre percebemos que o desenho e a pintura são utilizados como meios de restaurar as pessoas” (Klein apud Olsen, 2004, p. 36).

Sabe-se que as crianças desenhavam no contexto da clínica fonoaudiológica, porém essa produção não tem recebido a atenção merecida, uma vez que, na literatura fonoaudiológica, o desenho é pouco tematizado. De acordo com Araújo (2002), ele pode ser visto como atividade lúdica e prazerosa; em alguns casos, é compreendido como facilitador da interação do terapeuta com a criança, mas raramente como recurso terapêutico genuíno. Segundo a autora, são necessários estudos em Fonoaudiologia sobre o desenho, a respeito de seu valor no desenvolvimento da criança em sua dimensão simbólica. “O desdobramento de estudos sobre o tema fará com que futuras transformações prosperem, propiciando profundidade ao olhar da prática terapêutica” (p. 84). Em texto conjunto com Lacerda, lamenta: “São poucas as descrições ou referências encontradas sobre a importância do desenho como instrumental terapêutico possível e eficaz, principalmente nas situações que envolvem sujeitos que apresentam dificuldades e/ou limitações em outras esferas simbólicas” (Araújo e Lacerda, 2002, p. 12).

Existem alguns poucos trabalhos na área fonoaudiológica no Brasil que citam o desenho como um dos seus instrumentos de trabalho. Perrotta et alii (2004) utilizaram o desenho durante atividades com o jogo “Imagem e Ação”¹ para trabalhar leitura escrita. Numa situação descrita no seu artigo, uma criança com dificuldade de leitura é convidada a representar o que leu desenhando. Santamaria et alii (2004), num viés mais teórico, refletem sobre o papel do desenho como precursor da linguagem escrita. Grandin et alii (2004), por sua vez, abordam desenhos produzidos para crianças; valorizam as ilustrações em livros infantis e o desenho animado como instigador da narrativa.

Na literatura produzida no exterior, alguns trabalhos consultados mostram que o desenho tem sido utilizado na terapia fonoaudiológica com crianças para criar um espaço de escuta e convite à participação no processo terapêutico (ver Owen, Hayett e Roulstone, 2004). Um estudo realizado em Israel, por Lev-Wiesel, Shabat e Tsur (2005),

com adultos com gagueira, utilizou o desenho do auto-retrato como instrumento para investigar aspectos de autoconceito relacionados às ansiedades provocadas pela gagueira.

Embora não haja estudos estimativos a respeito, sabe-se que fonoaudiólogos utilizam, de fato, desenhos em sua prática. Diante da quase ausência de estudos sobre o desenho na Fonoaudiologia e das evidências mostrando o quanto esse instrumento está presente na clínica, este trabalho buscou investigar o uso dessa atividade entre fonoaudiólogos. Procurou saber quais são os tipos de atividades artísticas utilizadas freqüentemente por esses profissionais; se usam e por que usam desenhos prontos e se conhecem as críticas feitas por profissionais de arte-educação e psicologia a esse respeito. Também procurou conhecer o conteúdo relacionado ao desenho que é trabalhado na formação do fonoaudiólogo.

Método

Neste estudo, foram entrevistados cinco fonoaudiólogos clínicos, seis docentes e três alunos de último ano, representando três cursos de graduação em Fonoaudiologia do interior do estado de São Paulo. Todos os sujeitos da pesquisa assinaram termo de consentimento livre e esclarecido antes de se iniciarem as entrevistas².

A amostra foi estabelecida tendo em vista três grupos distintos de sujeitos, sendo que, para todos, valeu o critério de homogeneidade fundamental e saturação dos dados. Objetivou-se abranger sujeitos com visões diferentes a respeito do desenho infantil e sua aplicação na Fonoaudiologia: o aluno como aprendiz, o docente como figura mediadora de conhecimento e o clínico representando a aquisição de conhecimento por meio da prática.

Para as entrevistas, foi elaborado um roteiro parcialmente dirigido, previamente submetido a um pré-teste (vide Anexo). Foram coletados dados sobre atuação clínica, currículo da universidade, aspectos teóricos relevantes a respeito do desenvolvimento gráfico, concepções de criatividade e desenho infantil. As entrevistas tiveram duração de aproximadamente 45 minutos e foram audiogravadas em fita magnética e transcritas para análise dos dados.

¹ “Imagem e Ação” é um jogo de tabuleiro com palavras em categorias (nome de pessoa, lugar, ação, objeto, animal, atividade de lazer, etc.) que devem ser representadas em desenhos, gestos e expressão facial, sem usar a fala. O objetivo é conseguir comunicar o sentido da cartela o mais rápido possível.

² A pesquisa foi e aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp sob protocolo n° 200/2004.

A análise foi realizada com base nas seguintes categorias: utilização do desenho na prática com crianças; concepção de desenho; formas de utilização do desenho; funções do desenho na clínica; formas de interpretação do desenho; justificativa para uso de desenhos prontos e livres; conhecimento a respeito do desenho infantil.

As respostas também foram estudadas para identificar as concepções subjacentes de profissionais atuantes em contexto clínico *versus* acadêmico e as propostas de formação das três universidades, segundo visão de alunos e professores. Além disso, foi investigada a coerência entre concepções de desenho e literatura sobre o desenho infantil citada pelos entrevistados.

Resultados

Quanto ao uso do desenho, apenas um dos fonoaudiólogos procurados referiu não utilizar esse tipo de atividade na clínica fonoaudiológica. Os demais, tanto graduandos como docentes e fonoaudiólogos clínicos, reconhecem que utilizam o desenho com frequência e o consideram importante na prática com crianças, como vemos nas citações abaixo.

- (1) *“Eu acho que é importante justamente porque dá indícios do desenvolvimento da criança nos aspectos cognitivo e social, através do desenho a gente pode descobrir várias coisas da criança”* (graduando).
- (2) *“Considerando que o fonoaudiólogo é um profissional que trabalha com atividades simbólicas e representativas, o desenho é uma necessidade na terapia fonoaudiológica. Não dá para ser fonoaudiólogo sem recorrer ao desenho”* (docente).
- (3) *“O desenho ainda é pouco explorado como técnica fonoaudiológica, mas é um recurso muito significativo para nós com relação à linguagem”* (fonoaudiólogo clínico).

Alguns entrevistados concebem o desenho como uma atividade simbólica, representativa de sentimentos, emoções e experiências, tanto concretas quanto imaginárias (5). Outros o vêem somente como atividade lúdica, motivadora no contexto terapêutico (6). Alguns entrevistados, no entanto, percebiam que as crianças gostavam do desenho, mas ainda não haviam pensado mais a fundo sobre o papel do desenho no desenvolvimento infantil (4).

- (4) *“Acho que elas representam alguma coisa no desenho, porque todas adoram desenhar, quando vêm o papel e a canetinha já perguntam: ‘Hoje a gente vai desenhar?’ Não sei se é uma forma de distração, mas todas adoram desenhar”* (graduanda).
- (5) *“Eu acho que o desenho tem vários papéis, mas, fundamentalmente, é uma atividade simbólica. É uma atividade em que a criança pode estar simbolizando coisas, experiências de vida, experiências concretas e imaginárias, experiências com materiais”* (docente).
- (6) *“Acho que, para a criança, o que aparece mais é o lúdico, a brincadeira, o pintar, o movimentar as mãos”* (profissional clínico).

A maioria dos fonoaudiólogos usa o desenho, tanto em avaliação como em terapia. Em avaliação, é geralmente utilizado com o intuito de conhecer a respeito de aspectos emocionais (7), motores e cognitivos da criança (8), além de ajudar a criar vínculo com o terapeuta (9).

- (7) *“Acho importante para conhecer as características da criança, por exemplo, o desenho de uma criança tímida é diferente do de uma criança agitada, falante ou extrovertida”* (graduando).
- (8) *“Eu trabalho bastante com desenho e uso para avaliar o nível de representação da criança, oralidade, raciocínio, vocabulário, relação de representação entre a verbalização e a escrita”* (docente).
- (9) *“Acredito que o desenho te aproxima da criança na avaliação, é uma coisa que a criança gosta de fazer, então você consegue ter uma maior aproximação através do desenho”* (fonoaudiólogo clínico).

Em terapia, o desenho assume diversos papéis, desde construtor dos conceitos de esquema corporal e espacial, e aprendizagem de léxico (10, 11), até auxiliar em exercícios de motricidade oral e voz (12).

- (10) *“Já utilizei desenho com pacientes em terapia de surdez e de distúrbio articulatorio. Na surdez, lembro que desenhávamos o pé, a mão, eu desenhava minha mão e a criança a dela, a gente trabalhava conceitos como o de grande e de pequeno; trabalhávamos sinais, várias vezes ela desenhava e a gente fazia o sinal [da língua de sinais]”* (graduando).

- (11) “*Eu posso desenhar para criança nomear e a gente falar a respeito daquilo, daquele objeto ou daquela pessoa. Por exemplo, se eu desenho uma mulher, para a criança pequena é a mãe, então falamos a respeito disso, de você simular essa linguagem. Também posso pedir para a criança dramatizar uma situação e desenhar a situação que dramatizou*” (docente).
- (12) “*Às vezes eu e a criança vamos para frente do espelho, e eu acabo usando o desenho, por exemplo, na colocação de fonemas, se a língua vai para baixo ou para cima*” (fonoaudiólogo clínico).

Quanto à função do desenho na clínica, seu uso foi predominante no trabalho com linguagem oral e escrita (falar enquanto está desenhando, falar e/ou escrever sobre o que desenhou, desenhar sobre o tema da conversação, sobre o que o leu, etc.) (13, 14, 15).

- (13) “*Eu leio uma estória ou converso sobre alguma coisa e peço para ele desenhar sobre, para ver o que ele ‘pegou’*” (graduando).
- (14) “*O desenho tem uma interface muito grande com a oralidade e com a escrita. Então, desenhar e narrar o desenhado; desenhar e, a partir do desenho, escrever; escrever o que desenhou ou, a partir de uma escrita, produzir um desenho; enfim, existem ‘mil’ articulações*” (docente).
- (15) “*Trabalho muito com a questão da linguagem escrita e o desenho. Então, às vezes, a gente conta uma estória, e aí eu falo: ‘Vamos desenhar a estória primeiro?’, depois ela começa a colocar nomes nos desenhos e começa a formar as estórias*” (profissional clínico).

No momento de interpretar o desenho da criança, os profissionais reportaram que ficavam atentos à organização das marcas na folha (espaço preenchido, direção da folha); às cores usadas (grande parte acredita que devam corresponder ao objeto real). O desenho da figura humana é examinado com atenção; por exemplo, alguns acreditam que a ausência de membros ou desproporção marcante é significativa de atraso ou problemas emocionais (18). As representações gráficas também são analisadas com o intuito de verificar se o traçado da criança está de acordo com os padrões de normalidade esperados para o desenvolvimento gráfico daquela faixa etária. Da mesma forma, avalia-se a

relação entre nível lingüístico e produção gráfica (17). É importante ressaltar que alguns entrevistados não souberam verbalizar quais aspectos avaliavam no desenho (16).

- (16) “*Uso em todas as avaliações de leitura-escrita, mas não sei para que a gente usa, agora que você perguntou eu vou pensar mais*” (graduanda).
- (17) “*A definição do traçado, as cores, a criatividade, como ela faz o desenho, dá para ir percebendo o quanto a linguagem dela está avançando, o quanto ela se apóia no desenho para fazer a narrativa, se ela está conseguindo simbolizar*” (docente).
- (18) “*Já pude perceber que crianças com muitas alterações de linguagem ou de conceito das coisas apresentam um desenho muito rudimentar, não exploram o desenho, às vezes esquecem de partes do corpo*” (fonoaudiólogo clínico).

Um dos principais focos desta pesquisa foi em relação à utilização dos desenhos prontos na prática clínica, por isso o cuidado em investigar essa questão entre os entrevistados.

Quanto ao uso do desenho pronto, a análise dos dados indicou várias tendências. Aproximadamente metade dos entrevistados disse usar esse tipo de desenho para avaliar e trabalhar coordenação motora e/ou cores (19). Alguns não tinham clara a finalidade para que o utilizavam. Os mesmos entrevistados que disseram usar desenhos prontos relataram que a maioria das crianças prefere o desenho livre e parece mais atenta ao desenhar seus próprios trabalhos do que quando segue modelos ou colore figuras prontas (21). Dentre os modelos utilizados estão desenhos referentes às datas comemorativas, revistinhas para colorir e desenhos para ligar pontos (20).

- (19) “*Às vezes você quer ver a coordenação motora. Dependendo da idade, você espera que ele não ultrapasse a margem; no desenho que a gente pede para pintar dá para perceber se a criança tem ou não esse controle*” (graduando).
- (20) “*Tiro desenhos do computador ou de livrinhos para colorir, a criança pinta ou tenta reproduzir. Por exemplo, vamos supor que eu estou trabalhando com personagens: a Mônica e o Cebolinha, eu tenho sempre um modelo para seguir. Acho que uso mais desenho pronto do que deixo a criança desenhar*” (docente).

(21) *“Tenho alguns desenhos para pintar, mas gosto mais de desenho livre. Tenho alguns desenhos de data comemorativa, por exemplo, Páscoa, Natal, essas datas a gente acaba usando um pouco. Às vezes, parece que no desenho livre elas ficam mais atentas, tentam criar mais, ficam mais pensativas, é uma coisa mais delas enquanto sujeitos. Já o desenho pronto é só pintar”* (fonoaudiólogo clínico).

A grande maioria dos entrevistados relatou não ter recebido base teórica a respeito do desenho na graduação (22). O que sabem atualmente advém de leitura e experiência prática (24). Referiram a necessidade de o fonoaudiólogo conhecer mais os fundamentos teóricos do desenho, dada a frequência com que é utilizado. Também referiram que a pequena quantidade de publicações a respeito do desenho na literatura fonoaudiológica restringe a aquisição de conhecimento específico (23).

(22) *“Eu comecei a usar o desenho na terapia porque achava legal, vejo que a criança gosta, e todas as meninas do quarto ano usavam. A gente não teve teoria sobre desenho, é mais por tentativa, você usa, se dá certo você continua usando”* (graduanda).

(23) *“Não existe uma formação em Fonoaudiologia para olhar o desenho da criança. Acredito que o desenho na fonoaudiologia precisa se solidificar teoricamente. Precisaria ter mais trabalhos, mais leituras, mais compreensão, mais discussão para colocar o desenho em seu lugar na clínica fonoaudiológica”* (docente).

(24) *“Percebia que isso era uma coisa geral, não era só na universidade em que eu estava, ninguém tinha uma formação voltada para um trabalho com desenho. Hoje, o conhecimento que tenho sobre desenho vem da minha prática, eu vou usando e pensando em cima disso”* (fonoaudiólogo clínico).

Discussão

O número reduzido de entrevistados não permitiu que fossem feitas diferenciações entre as concepções sobre linguagem e desenho das três universidades nas quais o estudo foi desenvolvido, no tocante à postura de professores e à formação dos alunos. No entanto, ficou evidenciado que, nos três espaços de formação profissional, o conteúdo sobre desenho mereceria ser mais explorado, porque

a prática profissional daqueles que optarem por trabalhar com crianças vai exigir conhecimento na área. Sem base bibliográfica sistematizada em disciplinas de graduação, poucos entrevistados souberam citar nomes de autores que estudaram o desenho, cujas teorias dão apoio a sua prática clínica.

Este estudo revelou uma variedade de posturas ante o desenho da criança na clínica fonoaudiológica: constatou-se que alguns profissionais apresentam um repertório limitado de opções para o trabalho com desenho, enquanto outros trazem na bagagem, por assim dizer, uma série de possibilidades de formas criativas para trabalhar a imagem e a produção gráfica na clínica.

Percebeu-se no discurso de alguns fonoaudiólogos que o diálogo com outros profissionais, como educadores e professores de arte, no contexto acadêmico, tem contribuído para aprofundar suas bases teóricas, mesmo que esse intercâmbio nem sempre seja reconhecido. Ao acompanhar a produção recente de conhecimentos no campo do letramento e da educação infantil, o profissional da área da saúde atualiza-se e incorpora em sua prática clínica reflexões que se originaram em outras áreas de saber.

A experiência da maternidade e o acompanhamento das produções dos próprios filhos na pré-escola e no ensino fundamental também contribuiu para a valorização e o estudo do desenho. Permite ao profissional traçar comparações e experimentar idéias a partir dos trabalhos que migram da escola para casa.

O desejo de interpretar a partir de indícios e temas revelados nas figuras das crianças apareceu em várias instâncias nos discursos dos entrevistados. Vários se apóiam na visão do desenho conforme apreçoado por profissionais do campo da saúde mental (psicólogos, psicanalistas, psiquiatras), procurando encontrar, na expressão plástica de seus pacientes, pistas para análises aligeiradas, que correm o risco de ficar na superficialidade.

Ao analisar os discursos, evidenciou-se, entre os graduandos, uma maior fragilidade com relação a bases teóricas e à familiaridade com a literatura da área, modos de compreender e interpretar as produções infantis, bem como à clareza na compreensão dos objetivos da utilização do desenho na clínica. Como se poderia esperar, para alguns entrevistados da graduação, o desenho restringia-se à função de atividade lúdica, com vistas a motivar as crianças e preencher o tempo. Já os

profissionais formados atuando em clínica e na academia demonstraram reflexões bem mais aprofundadas sobre o papel da arte com os seus fazeres no campo da fonoaudiologia. Isso sugere que a experiência profissional contribui para ampliar o repertório do fonoaudiólogo, que vai buscar conteúdos e propostas à medida que sente a necessidade na prática da profissão.

Conclusões

A partir dos dados coletados, foi elaborado um material em CD-Rom,³ denominado “Valorizando a criatividade infantil na clínica fonoaudiológica”, trazendo os resultados da pesquisa, uma síntese teórica sobre desenvolvimento gráfico da criança de 1 a 12 anos, uma reflexão sobre o uso do desenho na prática fonoaudiológica e um conjunto de vinte sugestões de atividades artísticas alternativas à utilização de desenhos prontos. Na composição desse conjunto de atividades, ressalta-se que as sugestões oferecidas pelos participantes no decorrer das entrevistadas foram incluídas no CD-Rom, com seu consentimento. Esse material foi oferecido gratuitamente aos envolvidos na pesquisa e foi disponibilizado a alunos de graduação de Fonoaudiologia e outros interessados.

Este estudo confirmou as hipóteses iniciais, de que o desenho é uma atividade vista pelo fonoaudiólogo como muito importante no trabalho clínico, mas que, a despeito disso, o conhecimento teórico trabalhado na grade curricular do curso não prepara adequadamente o futuro profissional no que diz respeito ao embasamento sobre o desenvolvimento gráfico. A falta de familiaridade com o desenho e outros modos de representar terá que ser compensada de alguma maneira quando o jovem fonoaudiólogo formado defrontar-se com a prática clínica com crianças.

Este estudo sugere que o uso do desenho ainda se encontra subutilizado na clínica fonoaudiológica, tanto no que diz respeito a profissionais quanto na formação da pesquisa em Fonoaudiologia. É preciso que a graduação em Fonoaudiologia amplie os estudos a respeito do grafismo infantil, a fim de capacitar os alunos a procurarem referências atualizadas e de qualidade sobre o desenho infan-

til. Dada a imensa riqueza da imaginação e da produção plástica da criança, não basta que o desenho seja utilizado como atividade lúdica ou maturacionista. Essa linguagem merece ocupar um espaço genuíno, legitimado por seu valor semiótico e interacional. Nesse sentido, cabe ressaltar a importância de o fonoaudiólogo se fundamentar melhor, familiarizando-se com os autores que pesquisaram o desenho na infância e aprofundando seus estudos sobre a linguagem do desenho, conforme a abordagem mais compatível com o seu trabalho, seja ela psicanalítica, construtivista, estruturalista ou sociocultural.

Referências

- Araújo CCM. Linguagem e desenho: uma parceria promissora na clínica fonoaudiológica [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2002.
- Araújo CCM, Lacerda CBF. Linguagem e desenho: uma parceria promissora na clínica de fonoaudiologia. *Temas Desenvolv* 2002;11(65):10-9.
- Bohn CM, Roehrig AD, Pressley M. The first days of school in the classrooms of two more effective and four less effective primary-grades teachers. *Element Sch J* 2004;104(4):269-87.
- Braswell G. Sociological contexts for the early development of semiotic production. *Psychol Bull* 2006;132(6):877-94.
- Ferreira S. Imaginação e linguagem no desenho da criança. 3ªed. Campinas (SP): Papirus; 2003.
- Ferreiro E, organizador. Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita. Porto Alegre: Artes Médicas; 2003.
- Freud A. The psychoanalytic study of the child. New Haven (Connecticut): Yale University Press; 2002.
- Genishi C, Stires SE, Yung-Chan D. Writing in an integrated curriculum: pre-kindergarten english language learners as symbol makers. *Element Sch J* 2001;101(4):399-416.
- Grandin AB, Arruda, AP, Gomes ICD. A criança e a escrita: o processo de ativação de idéias durante a produção do texto narrativo. *Rev CEFAC* 2004;6(1):13-9.
- Kellogg R. Analyzing children's art. Palo Alto (Calif.): National Press Books; 1969.
- King, IL. In search of Lowenfeld's proof that coloring books are harmful to children. *Stud Art Educ* 1991;33(1):36-42.
- Klein, M. New directions in psychoanalysis. London: Routledge; 2003.
- Lacerda CBF. Inter-relação entre oralidade, desenho e escrita: o processo de construção do conhecimento. São Paulo: Probe/Taubaté (SP): Cabral Ed. Universitária; 1995.
- Lev-Wiesel R, Shabat A, Tsur A. Stuttering as reflected in adults' self-figure drawings. *J Dev Phys Disabil* 2005;17(1):85-93.
- Lowenfeld V, Brittain WL. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou; 1977.
- Olsen OA. Depression and reparation as themes in Melanie Klein's analysis of the painter Ruth Weber. *Scand Psychoanal Rev* 2004;27(1):34-42.

³ O CD-Rom configurou-se como um *software* educativo e foi registrado no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional sob N° 372.962 Livro 691 Folha 122, registrado em 03/04/2006.



- Owen R, Hayett L, Roulstone S. Children's views of speech and language therapy in school: consulting children with communication difficulties. *Child Lang Teach Ther* 2004; 20(1):55-73.
- Perrotta C, Masini L, März MLW. O trabalho terapêutico fonoaudiológico com a linguagem escrita: considerações sobre a visitação a gêneros discursivos. *Disturb Comun* 2004;16(2):181-93.
- Rahal A, Rolim DB. Desenho infantil e sua aplicação na avaliação fonoaudiológica. *Rev CEFAC* 1999;1(1):1-7.
- Reily LH. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: Silva IR, Kauchakje, Gesueli ZM. *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus; 2003. p.161-92.
- Santamaría VL, Leitão PB, Assencio-Ferreira VJ. A consciência fonológica no processo de alfabetização. *Rev CEFAC* 2004;6(3):237-41.
- Silva SMC da. A constituição social do desenho da criança. Campinas (SP): Mercado de Letras; 2002.
- Vygotsky LS. *A formação social da mente (1935)*. São Paulo: Martins Fontes; 1988.
- Vygotsky LS. *Imaginación y el arte en la infancia (1922)*. Madri: Akal Ediciones; 2003.
- Wesson M, Salmon K. Drawing and showing: helping children to report emotionally laden events. *Appl Cogn Psychol* 2001;15(3):301-19.
- Winnicott DS. *A família e o desenvolvimento individual*. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes; 2005a.
- Winnicott DS. *O gesto espontâneo*. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes; 2005b.

Recebido em outubro/06; **aprovado em** março/07.

Endereço para correspondência

Karen F. Luchesi

*Rua Oscar de Assis, 639, Jd. João Paulo II, Sumaré/SP
CEP 13172-672*

E-mail: karenluchesi@yahoo.com.br





Anexo

Roteiro para as entrevistas

- 1) Gosta de Artes Plásticas? Que tipo? Vai a exposições de arte? Que tipo de lugares "culturais" costuma freqüentar?
- 2) O que você acha que o desenho significa para a criança?
- 3) O que acha sobre o uso do desenho na terapia fonoaudiológica?
- 4) Usa o desenho na terapia fonoaudiológica? Com que finalidade? Como usa?
- 5) Usa modelos para os desenhos? De onde são retirados?
- 6) Que tipo de atividades artísticas propõe?
- 7) Quais as práticas terapêuticas que a criança não gosta de fazer?
- 8) O que propõe à criança no caso citado acima?
- 9) Percebe alguma diferença no comportamento da criança ante a proposta de desenho livre e o oferecimento de desenho pronto para colorir?
- 10) Costuma usar os desenhos produzidos pelas crianças como parte da avaliação clínica?
- 11) O que acha do uso de outras atividades artísticas (além do desenho) na terapia com crianças? (tinta, massinha, colagem, etc.)
- 12) O que acha que são, no desenho, os marcadores de desenvolvimento? Quais autores conhece para fundamentar esse conhecimento?
- 13) O que entende da relação desenho/criatividade?

Questão específica para fonoaudiólogos clínicos e alunos de graduação

O que acha de seu conhecimento sobre o desenvolvimento do desenho infantil?

Questões específicas para docentes universitários

- 1) Existe orientação para alunos da graduação quanto à bibliografia que diz respeito ao desenvolvimento do desenho infantil? Como são orientados?
- 2) Como transmite as idéias de atividades práticas aos alunos?
- 3) Acha que os alunos saem da graduação (na universidade em que leciona) com conhecimento sobre o desenvolvimento do desenho infantil para usá-lo na prática clínica?

